

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 15.03.75

Pg.: \_\_\_\_\_

**Funai reconhece erro no contato com os atroaris**

Do correspondente em  
**MANAUS**

O presidente da Fundação Nacional do Índio, general Ismarth de Araujo Oliveira, admitiu, em Manaus, que foram cometidos grandes erros na pacificação dos waimiris-atroaris e que os métodos utilizados pelo sertanista Gilberto Pinto, morto pelos índios em dezembro, não eram os ideais. "O Gilberto tinha um método diferente de pacificação: não queria trabalhar na mata com mais de quatro ou cinco homens e morreu porque, confiante na amizade dos índios, esqueceu-se do esquema de segurança.

Lembrou o presidente da Funai que a atração dos atroaris foi muito criticada pelo Conselho Indigenista Missionário — Cimi —, o qual, na verdade, questiona toda a política indigenista oficial. O general revelou porém que chamou o presidente do Cimi em seu gabinete, em Brasília e fez uma proposta: "Eu retiro o sertanista Apoena Meirelles (que substituiu Gilberto Pinto) na região e o Cimi passa a trabalhar na área". Segundo o presidente da Funai, "o presidente do Cimi aceitou nossos argumentos, mas preferiu que a entidade trate dos assuntos inerentes às missões do que pacificar índios".

Aquelas missões religiosas que trabalham diretamente com os índios, alertou o general na entrevista que deu em Manaus, devem, porém, respeitar a política estabelecida, ou serão punidas. Ele reconhece que algumas que atuam na Amazônia "estão realmente trabalhando em benefício do índio", mas disse que investigará denúncias contra outras, especialmente a de pastores norte-americanos que atua em Roraima.

"Não permitiremos que haja interferência ou modificação nos métodos de pacificação dos índios. O Estatuto do Índio está em pleno vigor, embora parte dele não esteja sendo executada. Levantaremos a situação dos índios que estão sob controle das missões para avaliarmos o seu grau de aculturação. E quem estiver fora dos métodos racionais de pacificação, estabelecidos no Estatuto, será afastado da área".

A Funai, disse seu presidente, admite que a assistência aos índios do Amazonas — talvez mais de 80 mil indivíduos — é deficiente e precária, mas culpa a distância das malocas por isso. Citou o caso dos ín-

dios que vivem nos rios Purus, Juruá, Andirá e Alto Roraima, que, isolados, ficam à mercê de seringueiros, mateiros e grileiros.

**Parque resolve?**

O sertanista Apoena Meirelles vai sugerir à Funai a criação do Parque Nacional Waimiris-Atroaris, alegando que daria maior segurança aos índios ao isolá-los numa só área, longe dos trabalhadores da rodovia Manaus-Caracará e de mateiros que invadem sua reserva. O novo parque teria a mesma estrutura do Parque Nacional do Xingu, com uma vantagem: lá viveriam apenas os waimiris-atroaris enquanto no Xingu vivem 14 tribos de diferentes troncos linguísticos. Apoena, contudo, disse que, posteriormente, será possível agrupar junto aos atroaris os macuxis, walkás e yanomamis, de Roraima.

Apoena defende sua idéia como o meio adequado de, não só de proteger os índios, como de prosseguir tranquilamente na sua atração. Segundo Apoena, muitos "fatos graves" ocorreram na área dos atroaris desde a chacina do padre João Calleri, em 1968. Apoena está fazendo um relatório à Funai sobre as irregularidades e insinua que os missionários são responsáveis por eles. "Eu sempre fui contra o fato de as missões religiosas trabalharem com índios. E os fatos que levaram os waimiris-atroaris a chacinarem as expedições da Funai dão-nos a certeza de que o trabalho das missões junto aos índios é desastroso e improdutivo".

Os waimiris-atroaris têm uma reserva de 1.627 mil hectares (duas vezes a superfície dos 37 municípios da Grande São Paulo) e, no ano passado, uma nova área — de extensão desconhecida — foi interdita em seu benefício, ao lado da reserva Terra, portanto, não é o problema dos índios, que somariam um máximo de três mil indivíduos. A Funai, sem recursos para demarcar a reserva, nem sequer cogita de fiscalizá-la para impedir as invasões denunciadas por Apoena Meirelles. O maior problema dos atroaris atualmente é a estrada Manaus-Caracará, que não será resolvido pela transformação da reserva em parque, inclusive porque a principal diferença entre as duas áreas indígenas é a de que o parque destina-se a dois ou mais grupos indígenas e a reserva a somente um grupo.